

O outro lado da fuga de cérebros

Rogério L. Furquim Werneck*

A globalização continua sendo fonte inesgotável de desdobramentos surpreendentes. Exemplo recente envolve a questão da fuga de cérebros (*brain drain*), que há muitos anos vem preocupando os países em desenvolvimento. Nas últimas décadas, por diversas razões, centenas de milhares de engenheiros e cientistas altamente qualificados, formados a duras penas nesses países, acabaram se estabelecendo nas economias desenvolvidas. O censo de 1990 mostrou que havia 2,5 milhões de imigrantes com alta qualificação profissional nos Estados Unidos. Boa parte deles provenientes de países em desenvolvimento, especialmente da Ásia. Houve quem estimasse em dezenas de bilhões de dólares, o valor da transferência de capital humano implícita na migração de cientistas e engenheiros asiáticos para os Estados Unidos, entre os anos sessenta e oitenta. Recentemente, contudo, a questão vem sendo reavaliada. E onde só se viam custos irrecuperáveis para os países em desenvolvimento, já se enxergam benefícios, que, em alguns casos, parecem superar por larga margem os custos. Surpresas da globalização.

A importância de cientistas e engenheiros provenientes de países em desenvolvimento tem sido especialmente marcante no condado de Santa Clara, na Califórnia, mais conhecido como Vale do Silício, o principal núcleo mundial de desenvolvimento de tecnologia de informação. Por volta de 1990, cerca de um terço dos cientistas e engenheiros empregados em empresas de alta tecnologia da região eram estrangeiros. E dois terços desses estrangeiros eram chineses e indianos. A maior parte deles com histórias de migração bastante parecidas. Egressos de boas universidades de Taiwan, da China e da Índia, haviam sido aceitos em programas de pós-graduação nos Estados Unidos e lá permaneceram depois de formados. Um caso típico de fuga de cérebros? Nem tanto.

Acaba de ser lançado um livro fascinante sobre a importância dos cientistas e engenheiros estrangeiros no Vale do Silício e sobre o papel fundamental que vêm tendo no desenvolvimento de atividades relacionadas à tecnologia de informação nos seus países de origem. (Ver Annalee Saxenian, *The New Argonauts: Regional Advantage in a Global Economy*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006). A autora mostra que já há algum tempo indianos e chineses vêm transferindo para Índia, Taiwan e China, não só tecnologia, no sentido mais estrito, mas os preciosos modelos organizacionais que possibilitaram o espetacular desenvolvimento tecnológico do Vale do Silício. Combinando as redes de relacionamento técnico e comercial que estabeleceram nos EUA com o conhecimento privilegiado dos recursos humanos e das possibilidades de seus países de origem, esses milhares de cientistas e

engenheiros asiáticos têm sabido explorar com grande competência nichos de demanda e espaços para redução de custos com produção na Ásia. O que é especialmente interessante é que a fuga de cérebros vem sendo revertida, dando lugar a um movimento bem mais complexo, que a autora rotula de circulação de cérebros. Um denso fluxo de mão dupla de cientistas e engenheiros, entre o Vale do Silício e os países asiáticos.

O livro enseja reflexões sobre políticas de ciência e tecnologia e de pós-graduação no Brasil. É preciso rever estereótipos e refrear a paranóia com a fuga de cérebros. Ainda há em Brasília quem veja a aceitação de um aluno de mestrado brasileiro em um programa de doutorado em Stanford, com bolsa concedida pela própria universidade, como uma “perda para o sistema nacional de pós-graduação”. Mas mesmo quando se relevam essas visões mais radicais, a política de concessão de bolsas para doutorado no exterior ainda deixa transparecer o temor da fuga de cérebros que parece ter inspirado certas regras. Que o bolsista permanecesse um par de anos a mais no exterior, terminado o doutorado, já foi até tolerado. Mas agora nem mesmo isso se permite, por mais prestigiosa e promissora que seja a posição oferecida ao ex-bolsista. E, no entanto, sobram razões para se argüir que o acesso de cientistas e engenheiros brasileiros a posições de prestígio em universidades e instituições de pesquisa no exterior pode ser fator importante de fortalecimento do desenvolvimento científico e tecnológico do País. A percepção desse ponto, contudo, envolve mudança de mentalidade que não promete ser fácil.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.